Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Gênio da Montanha

O Gênio da Montanha

Era uma vez um gênio que vivia sobre as montanhas e passava todo o seu tempo observando o que acontecia a sua volta. Um dia, estava escondido atrás de uma árvore, espiando os movimentos de uma encantadora mocinha que brincava e gracejava alegremente em volta de uma cascata de água, juntamente com algumas companheiras. O espetáculo era tão sedutor e gracioso, que o gênio da montanha ficou muito impressionado e desejou compartilhar de tais alegrias e satisfações.
Querendo observar melhor o gracioso grupo de mocinhas pensou em converter-se em um corvo, e foi pousar sobre os ramos de um grande carvalho que estendia a sua sombra sobre a cascata. Mas, bem depressa compreendeu que aquela metamorfose não era conveniente, porque os seus olhos de corvo lhe apresentavam as coisas sob um aspecto desagradável, tanto que um ninho de ratos lhe teria despertado maior interesse do que as risonhas mocinhas.
Então voou para trás de uma moita e transformou-se em um belíssimo jovem. Dessa maneira estava certo de poder compreender a fundo a vida humana. De fato, no seu ânimo não tardaram a nascer

sentimentos e sensações que nunca experimentara antes. Compreendeu dessa maneira no que consistia a alegria, o amor, o prazer, o sofrimento e a desilusão.
A encantadora moça, que ele tanto admirara, chamava-se Sônia e era filha do rei que dominava naquele tempo a vasta região no meio da qual se erguia o Monte do Gigante. A mocinha ia todos os dias passear pelos campos, juntamente com as suas jovens damas de companhia, parando a sombra das árvores seculares, colhendo flores perfumadas, ervas e morangos que eram depois servidos à mesa real. Nos dias mais calmos, preferiam ficar junto a cascata e, algumas vezes, mergulhavam na água.
Depois de ter visto aquela fascinante criatura, o gênio da montanha sentiu-se subjugado pela sua beleza e voltou todos os dias ao pé da cascata rumorejante, para tornar a ver o rosto daquela a quem amava.
Mas, antes que ela tornasse a aparecer, transcorreram várias semanas. Finalmente, por uma tarde mais quente que de costume, Sônia resolveu ir dar um passeio e saiu do palácio, acompanhada por duas fiéis damas de companhia.
Mas, qual não foi o seu espanto, ao achar o lugar completamente transfigurado !
As rochas brutas estavam recobertas de mármore e de alabastro; a água não se precipitava mais, espumando com ímpeto, mas brotava com um murmúrio acariciador do centro de um tanque de mármore, caindo em leque, transformada em uma chuva deliciosa que cintilava como orvalho de

pedras preciosas.
Rosas, jasmins, cravos e jacintos floresciam em volta do tanque, formando uma coroa florida, alternada com corimbos multicores. A direita e a esquerda da fonte abriam-se duas magníficas alamedas, conduzindo ambas a uma gruta com as paredes recobertas de cristal de rocha que cintilavam aos reflexos do sol com deslumbrante brilho.
No fundo da fantástica gruta estava uma mesa posta, sobre a qual figuravam os frutos mais raros e as bebidas mais deliciosas.
Não sabendo se devia dar crédito aos próprios olhos, a princesa ficou atônita. Devia demorar-se naquele lugar encantado, ou devia fugir?
Mas a curiosidade foi mais forte e a moça quis observar com atenção todas aquelas maravilhas, provando mesmo alguns dos frutos que se achavam sobre a mesa.
Depois, quis conceder-se o prazer de um banho, mergulhando na água límpida e perfumada do tanque de mármore, que refletia o azul puríssimo do céu.
Mal, porém, entrara na água, uma força irresistível e misteriosa começou a arrastá-la para o fundo, em um abismo que parecia sem fim. Em vão a moça tentou firmar os pés no fundo argênteo que lhe inspirara tanta confiança, quando o observara da margem; em vão as jovens damas de companhia tentaram agarrar-lhe a loura cabeleira que flutuava na água. Em poucos instantes a desventurada princesa desapareceu, engolida pelas ondas.
As jovens damas de companhia arrancaram os

cabelos, torceram as mãos, gritando e chorando tão alto que os seus lamentos ecoavam por toda a floresta. Mas nenhuma delas tinha a coragem de atirar-se a água para ir buscar a filha do rei. De repente uma das damas, chamada Brunilda, foi tomada por um acesso de desespero e, invocando em altas vozes o nome da adorada princesinha, atirou-se de cabeça na água. Mas ficou emaranhada em uma planta aquática que a manteve flutuando e, malgrado todos os seus esforços, não lhe permitiu mergulhar.
Então a jovem dama se juntou as companheiras e todas se dirigiram para o castelo, a fim de comunicar ao rei a dolorosa notícia daquela desgraça.
Encontraram-no em o momento em que saía do palácio para ir caçar e, chorando amargamente, puseram-no ao corrente de tudo quanto acontecera. O rei foi tomado de uma angustia indescritível e de um desespero tão tremendo que rasgou as roupas que trazia vestidas; depois, arrancou a coroa da cabeça, atirando-a ao chão e continuando a invocar a filha adorada, em altíssimos gritos.
Quando conseguiu dominar a própria dor, correu ao lugar onde acontecera a desgraça, porém não encontrou mais a fonte de mármore nem os canteiros de flores. O cenário retomara o seu aspecto costumeiro, com a cascata espumante circundada pelas árvores.
O rei não podia suspeitar que a filha tivesse sido raptada e, depois de ter chorado amargamente a perda da princesa, resignou-se por fim a vontade de Deus, e procurou distrair-se, dedicando-se à caça.

Entretanto, a encantadora Sônia descera até ao reino do gênio da montanha, que a acompanhara gentilmente ao longo de um caminho subterrâneo, ao fundo do qual se achava um maravilhoso castelo, comparado ao qual o de seu próprio pai era uma ninharia.

A princesa repousou durante algum tempo e depois, quando se refez do estonteamento, reencontrou-se recostada em fofo diva. Vestia uma túnica de seda cor-de-rosa, apertada na cintura por um cinto de prata, recamado de pedras preciosas que cintilavam com reflexos deslumbrantes e que seria digno de pertencer a uma fada.

Um belíssimo jovem se achava a seus pés; era o gênio da montanha, que falava do seu fantástico reino subterrâneo, convidando-a depois a segui-lo, para fazê-la visitar as salas do palácio, luxuosas e de incomparável esplendor.

Três lados do palácio eram flanqueados por esplendido jardim, cujos canteiros eram adornados com as mais belas flores. As pradarias eram cheias de árvores de cujos ramos pendiam as frutas mais deliciosas e de aspecto maravilhoso de ver-se; a moça nunca vira semelhantes, nem mesmo na mesa do rei.

Milhares de passarinhos, de plumagens multicores e douradas, chilreavam entre os ramos e saltitavam ao longe das alamedas, em um concerto delicioso e gentil. Sônia observava todas aquelas coisas com olhar assombrado, e o gênio da montanha a acompanhava, sem se cansar de contemplá-la e de escutar sua deliciosa voz, que o fascinava cada vez mais.

Mas a princesa não se sentia feliz como ele, porque a sua alma estava perturbada por uma grande melancolia e o seu coração estava apertado de angustia.
Ao gênio da montanha não passou despercebida a tristeza que emanava dos belíssimos olhos da moça, e compreendeu logo que ela não quereria ser sua esposa enquanto fosse perturbada pelo pensamento nostálgico do seu pai e do mundo que abandonara em circunstâncias tão dramáticas.
E, não obstante todos os seus esforços para distraí-la, ela permanecia taciturna e absorta, com os belos olhos velados de lágrimas.
- Ela está triste porque lhe falta a distração do mundo - pensava o gênio -. Os homens estão habituados a viver em sociedade e a divertir-se. Aqui, em vez disso, a princesa pode falar somente comigo e não tem ninguém em quem se confie ou a quem peça um conselho. Ninguém, a não ser eu, goza das suas graças fascinantes e da sua extraordinária beleza. Que hei de fazer?
Pensou ainda um momento, e depois se voltou para Sônia, dizendo-lhe:
- Minha divina menina, eu quereria que tu vencesses a tua tristeza e me falasses sinceramente, como a um companheiro devotado e afeiçoado. Dessa maneira já não te sentirias tão só nesta casa, deserta demais para ti. Vês aquele cesto? Encontraras nele tudo o que necessitas para te tornar agradável a vida.
Assim dizendo, conduziu a moça até junto de um cesto cheio de nabos que colhera em um campo terrestre.

Sônia deu uma olhadela distraída naqueles nabos, depois colheu uma rosa e começou a esfolha-la melancolicamente.
- Toma esta varinha marchetada - prosseguiu o gênio -. Tocando com ela um dos nabos, poderás transformá-lo no objeto ou pessoa que tiveres vontade de ver. Assim, qualquer desejo teu poderá ser satisfeito.
Em seguida se afastou deixando sozinha a princesa, que logo quis por a prova a varinha mágica.
- Minha cara Brunilda, - exclamou, tocando em um dos nabos do cesto - vem imediatamente ter comigo.
Mal acabara de pronunciar aquelas palavras, viu a seus pés a fiel dama de companhia, chorando de alegria e acariciando-lhe as mãos, que inundava de lágrimas.
Tratava-se da realidade, ou de uma ilusão?
Sem fazer a si própria essa pergunta, Sônia se entregou a doce alegria de encontrar-se, de novo na companhia da sua amada companheira de brinquedos, correndo com ela ao longo das alamedas e colhendo as flores mais belas. Depois, conduziu-a ao seu quarto e mostrou-lhe os seus vestidos; as duas mocinhas estavam tão satisfeitas que nem sequer perceberam que o tempo se passava velozmente e que a noite já vinha caindo.
Brunilda contemplava extasiada os vestidos, os véus, os enfeites e as jóias da princesa, prorrompendo com freqüência em gritos de admiração.
- Que bom gosto! Como escolheste bem!

Mesmo que não fosses tão bonita, merecias da mesma forma a coroa de rainha da beleza!
O gênio da montanha as espiava sem ser visto, alegrando-se com a satisfação de Sônia e comprazendo-se de sua fina intuição que o fizera ler tão bem na alma humana. Desde então a princesa mudou de gênio e tornou-se alegre e despreocupada. Um a um, todos os nabos do cesto se converteram nas jovens damas de companhia com as quais sempre compartilhara os seus divertimentos. Os dois últimos nabos, quis porém transformá-los, um em belíssimo gato e o outro em gracioso macaquinho.
Restabelecida desse modo a sua pequena corte, a moça indicou uma tarefa especial a cada uma das damas de companhia e teve de reconhecer que não poderia ser melhor servida do que assim. As moças sabiam satisfazer os seus menores desejos, cercando-a de cuidados e de afetuosas atenções.
Durante algum tempo a princesa pareceu satisfeita com aquela nova existência; todos os dias as magníficas salas do palácio ressoavam de músicas e de cantos, aos quais se alternavam as danças, jogos e banquetes. Mas, passadas algumas semanas, Sônia notou que as suas pequenas damas de companhia empalideciam de maneira estranha. Enquanto ela parecia cada vez mais bem disposta e cheia de vida, as pobres mocinhas tomavam um aspecto de flores fanadas.
Todas afirmavam que se sentiam muito bem e estavam reconhecidas ao gênio da montanha porque não lhes deixava sentir falta de coisa alguma; de fato, tinham sempre tudo aquilo que

desejavam, mas contudo o sorriso desapareceu bem depressa dos seus lábios exangues.
E uma bela manhã, levantando-se da cama depois de plácido sono, a princesa teve a triste surpresa de ver vim ao seu encontro um grupo de velhinhas corcovadas que, não podendo segurar-se nas pernas, caminhavam apoiadas a bastões e muletas. Até o macaquinho se arrastava com muita dificuldade pelo chão, e o belo gato manquejava de maneira a inspirar piedade.
Impressionada e presa de terrível angustia, a moça atravessou o salão, correu ao terraço adornado de hera e de flores, depois chamou o gênio da montanha, que não tardou a comparecer diante dela, perguntando-lhe o que queria.
- Malvado e infame gênio! - gritou a princesa - Por que queres privar-me da única alegria que me anima a vida? Da companhia das minhas amigas de infância? Se não lhes restituíres a mocidade e a boa disposição de antes, eu te castigarei com o meu ódio e com o meu desprezo!
- Não te encolerizes, belíssima filha dos homens! - respondeu o gênio -. Estou pronto a fazer por ti tudo aquilo que está em meu poder, mas não posso ir de encontro a algumas leis imutáveis.
"Enquanto os frutos da terra estavam frescos, podias animá-los segundo a tua vontade, mas agora que o suco dos nabos murchou, eles tem de murchar. Porém não te desoles, minha adorada menina; vou trazer-te outro cesto de nabos e poderás redespertar as vidas que tanto te interessam. Vai tu própria ao prado, onde encontrarás o que precisas. Mas primeiro toca com a

tua varinha nas criaturas vivas que te fizeram tão boa companhia.”
Assim dizendo, o gênio da montanha afastou-se e a princesa tocou com a sua varinha multicor as velhas decrépitas, o macaco e o gato, que se transformaram logo em nabos murchos.
Depois, correu ao jardim, na esperança de encontrar outro cesto de nabos frescos, mas, não encontrando coisa alguma, começou a correr pelas alamedas, gritando e desesperando-se. Pouco depois viu surgir de novo o gênio, com ar tão triste e desconsolado que a fez compreender logo que todas as esperanças estavam perdidas.
- Onde estão os nabos? Enganaste-me, então?
- Minha pobre e doce amiga, - respondeu o gênio, com voz magoada - perdoa-me se te fiz apressadamente demais uma promessa que estava convencido de poder manter. Andei muito, para ver se podia encontrar o que queres, mas os nabos estão todos murchos, nas despensas, porque chegou o inverno e a vegetação esta morta. Aqui permaneceu a primavera, graças a tua presença, e as flores ainda só desabrocham por onde tu passas . . . Tem pois paciência por mais três meses, e então poderás reaver a companhia que tanta falta te faz.
Sônia voltou-lhe as costas chorando e correu a fechar-se no seu quarto.
Entretanto, o gênio da montanha, não querendo ficar inativo, voltara à terra, indo a cidade, onde comprou um burro e alguns sacos de sementes que carregou no lombo do animal. Depois cultivou uma vasta zona de terra situada no meio-dia e

encarregou um espírito seu dependente de acender um grande fogo nas entranhas da terra, de modo que o seu calor emanasse à superfície, esquentando o ar dos campos.
Certo dos bons resultados, apressou-se a tranqüilizar Sônia e levou-a a visitar as plantações.
A moça sentiu renascer a esperança no seu coração e, desde aquele dia, continuou a dirigir-se com freqüência ao campo, preferindo-o aos jardins cheios de flores e frutas.
Mas a sua alma permanecia imersa na tristeza.
Durante longas horas permanecia sentada nas margens de um ribeirão, contemplando as águas múrmuras, nas quais jogava as pétalas das flores que ia desfolhando.
Mas o gênio da montanha não podia deixar de constatar que todos os seus esforços para conquistar o amor de Sônia eram inúteis. Ele conhecia pouco a mente e o coração humano e agora compreendia que se tinha iludido julgando sair-se bem do seu intento prodigalizando a moça toda espécie de atenções e carinhos. Não; a bela princesa nunca se tornaria a soberana do seu reino.
E, de fato, Sônia não podia corresponder ao amor do gênio, porque era noiva do príncipe Ladislau, amigo de seu pai, que já marcara o dia do casamento, pouco antes dela ter desaparecido misteriosamente da terra.
Ao saber a tremenda notícia, o príncipe fora tomado de louco desespero e abandonara o seu palácio, vagueando pelas montanhas e gritando às árvores e ao céu, a sua inconsolável dor.
A sua fiel Sônia não sofria menos do que ele, mar

sabia esconder o seu desgosto sob uma aparência de calma e tranqüilidade que impedia o gênio de descobrir o seu segredo.
Depois de ter estudado longamente um meio que lhe permitisse evadir-se daquela estranha prisão, a moça imaginou um estratagema que lhe pareceu viável.
Tendo voltado a primavera, os nabos, que durante o inverno tinham vegetado sob a terra, graças ao calor do fogo, amadureceram, e a astuta Sônia começou a apanhá-los, transformando-os nos seres e nas coisas mais disparatadas.
O gênio da montanha julgava que a princesa fizesse tudo aquilo para ter um divertimento inocente, mas, na realidade, ela nutria outras intenções.
Um dia pegou em um nabo e transformou-o em uma abelha dizendo-lhe
- Minha pequena abelha, peso-te que voe para o lado de onde nasce o sol e que vás ao reino do príncipe Ladislau, sussurrando ao ouvido dele que a sua Sônia ainda é viva, mas não pode voltar para o seu lado, sendo escrava do rei dos espíritos da terra, que mora debaixo da montanha, e que pretende casar com ela. Nao te esqueças de dizer-lhe todas estas coisas e, quando voltares, traze-me boas notícias da sua fidelidade e do seu amor por mim.
A abelha levantou vôo, porém mal começara a afastar-se, uma andorinha esfomeada pegou-a com o bico e engoliu-a, com grande desgosto de Sônia.
Então a moça pensou em servir-se de um grilo e, quando o teve diante de si, ensinou-lhe com paciência tudo o que deveria contar ao príncipe.

- Salta, meu caro grilinho! Salta de um lado para o outro no monte e vai até ao palácio do príncipe Ladislau, dizendo-lhe que a sua Sônia espera ser libertada por ele.
O grilo obedeceu imediatamente, encaminhando-se na direção que lhe fora indicada pela moça, mas, ao chegar perto de uns arbustos, uma cegonha agarrou-o com o seu longo bico e engoliu-o de uma só vez.
Tendo falhado também a segunda tentativa, a princesa não quis desanimar e transformou um nabo em um pássaro, dizendo-lhe
- Voa, meu caro pássaro, voa de árvore em árvore, até ao palácio do meu noivo, e informa-o de que a sua Sônia fugira da prisão onde se acha e pede-lhe que se encontre, dentro de três dias, com escolta e cavalos, no fundo do vale de Maio, pronto para recebê-la entre os bravos.
A ave levantou vôo e bem depressa a moça a perdeu de vista.
O desventurado príncipe Ladislau errava entre os bosques e florestas; sua mágoa se tornara mais pungente com o reflorir da primavera, que lhe fazia recordar a bela flor que perdera, a sua Sônia !
Sentado a sombra de um carvalho, ali estava imóvel, com a cabeça apertada entre as mãos e, de quando em quando, proferia o nome da noiva.
Mas de repente ouviu uma voz desconhecida, que exclamava por sua vez :
- Sônia !
O príncipe apurou o ouvido e, alguns instantes depois, escutou outra vez repetir aquele nome adorado. Então levantou o olhar e viu um pássaro

que esvoaçava entre os ramos da árvore.
- Pobre pássaro !- murmurou ele -. Por que pronuncias este nome, que pertence unicamente a um infeliz já agora resolvido a abandonar a vida?
Assim dizendo, pegou em uma pedra para atirá-la contra a ave e obrigá-la a fugir, mas o pássaro recomeçou a falar, repetindo, sílaba por sílaba, tudo o que lhe dissera a princesa prisioneira.
A grata novidade pareceu clarear a alma enegrecida do jovem príncipe, e a mortal angustia que lhe dilacerava o coração desapareceu como por encanto.
Sem dúvida as palavras pronunciadas pela ave deviam ser uma lição aprendida de cor.
Ladislau apressou-se a voltar ao castelo, onde reuniu um grupo de cavaleiros, que ele próprio quis conduzir até ao vale de Maio.
Nesse meio tempo, Sônia tinha preparado o seu plano de fuga.
O gênio da montanha estava muito contente por ver que ela o tratava com maior gentileza e correspondia com docilidade as suas afetuosas caricias.
Sua alegria era tão grande que um olhar, um sorriso, uma palavra de Sônia, eram suficientes para fazê-lo enlouquecer de felicidade.
Na manhã seguinte, mal despontara o sol, a jovem vestiu-se de noiva, enfeitando-se com todas as jóias que o gênio lhe dera de presente e cingindo a fronte uma coroa de flores. Ao ver aparecer aquela celestial visão, o gênio da montanha sentiu-se invadir por profunda comoção e prostrou-se aos seus pés, exclamando :
- Oh , maravilhosa e divina menina, suplico-te que

não me faças mais sofrer esta angustiosa incerteza! Promete-me que te casarás comigo, e eu te darei todos os tesouros do meu reino subterrâneo, e seremos felizes!
Sônia baixou os olhos, e respondeu timidamente :
- Como é possível que uma mísera mortal como eu possa resistir a um gênio como tu? A tua paixão venceu! . . . Confesso-te chorando e escondo as minhas lágrimas com estes véus.
- Lágrimas! E por que, minha fascinante criatura? Cada gota de teu pranto cai no meu coração como um espinho ardente . . . Nao ! Nao!... Eu quero a tua amizade, mas não exijo o teu sacrifício.
- Nao compreendes então a razão do meu pranto? - acrescentou a jovem -. Meu coração corresponde ao teu, mas a minha alma esta aflita de receio. Penso que a minha beleza deverá fanar-se, ao passo que tu não envelhecerás . . . A beleza terrestre a flor que murcha . . . Como poderei saber que um dia não virás a cansar-te de tua esposa?
- Pede-me uma prova do meu amor e da minha fidelidade - exclamou o gênio -. Obedecerei a qualquer ordem tua . . . Fala meu amor! Só assim poderás fazer uma idéia da minha devoção!
- Pois bem - disse então a astuta Sônia - quero por a prova a tua bondade e o teu amor por mim!
Vai ao campo dos nabos, e conta-os. Quero saber quantas serão as damas de companhia que comparecerão ao meu casamento . . . Trata de não me enganar e de não errar ao contá-los. Esta é a prova de amor que te peço.
Embora sofresse muito por ter de afastar-se da princesa, o gênio da montanha obedeceu sem mais

comentários e dirigiu-se ao campo dos nabos, começando a contá-los pacientemente. Quando terminou, quis ter a certeza de que não se enganara e contou-os pela segunda vez. Mas, como o número que encontrou então não correspondia ao primeiro, recomeçou a contagem, obtendo ainda um resultado diferente dos dois primeiros.
Isso não deve espantar ninguém, visto que o pensamento do gênio estava voltado constantemente para a encantadora moça que perturbara o seu coração.
Mas, entretanto, a astuciosa Sônia punha em execução o seu plano de fuga e, depois de ter transformado um nabo em cavalo, pulou-lhe para o lombo e fugiu a todo o galope, chegando ao vale de Maio, onde encontrou o príncipe Ladislau que a esperava com indizível ansiedade e a acolheu entre os braços com um grito de alegria.
Quando conseguiu finalmente obter o número exato de nabos, o gênio da montanha, que não tinha dado fé do que acontecera, voltou ao palácio, contente e satisfeito porque estava em condições de testemunhar a noiva o seu grande amor por ela.
Mas o terraço onde a deixara estava deserto.
Então, correu ao jardim, percorreu todas as alamedas, depois entrou no palácio, visitando todos os aposentos e chamando em altos gritos a sua Sônia.
Mas ninguém respondia aos seus apelos desesperados.
Somente então ele pensou na possibilidade de um engano e, libertando-se do seu incomodo aspecto humano, voou muito alto, no espaço, para dominar

a terra lá em baixo. Uma hora depois, avistou a moça que fugia a cavalo em direção ao vale de Maio.

Tomado de intensa cólera, bateu duas nuvens uma contra a outra, provocando um raio, que caiu na floresta, estilhaçando um carvalho. Mas entretanto a princesa já atravessara os confins do seu reino e ele nada mais pôde contra ela.

O gênio da montanha andou vagueando muito tempo no espaço, urrando o seu tremendo desespero a todos os ventos. Depois, voltou ao seu palácio subterrâneo, que ficara deserto,
e fez ressoar as paredes com os seus dolorosos gemidos.

Nem mesmo o encantador jardim tinha mais qualquer atração para ele; as flores de fantásticos reflexos variados, as frutas marchetadas de ouro, as alamedas umbrosas e perfumadas, lembravam-lhe a moça que sonhara desposar e feriam-lhe o coração com indizível tormento.

Enfim, a sua dor não achou outro desafogo senão o de imprecar contra os homens, ao meio dos quais resolveu nunca mais voltar.

Tendo tomado esta decisão, voltou a superfície da terra e bateu três vezes com o pé no chão. Logo o palácio encantado desapareceu e a terra se abriu aos pés do gênio da montanha, que se abismou até ao centro do seu reino, levando consigo o seu ódio e o seu desprezo pelos homens.

Nesse meio tempo, o príncipe Ladislau reconduzia a noiva ao castelo de seu pai, que a acolheu com júbilo indescritível.

O casamento foi celebrado poucos dias depois com

grande magnificência e, mais tarde, o príncipe fundou uma cidade que, ainda hoje, tem o seu nome.
A extraordinária aventura da filha do rei no monte dos Gigantes, e sua fuga audaciosa e cheia de perigo, tornaram-se objeto de conversa entre os habitantes e constituíram depois uma espécie de lenda que se transmitiu de pai a filho, até hoje.
Não faltou sequer a ironia do povo, que acabou batizando o gênio da montanha com o apelido de "Contanabos".

FIM